

SOB LENTES DO MULTILETRAMENTO: LEITURA E COMPREENSÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS DE GÊNEROS MULTIMODAIS

UNDER MULTILITERACY LENSES:
READING AND COMPREHENSION OF MEANING
IN TEXTS OF MULTIMODAL GENRES

Recebido em: 4 de março de 2020

Aprovado em: 11 de junho de 2020

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RCO | a. 12 | v. 3 | p. 85-103 | set./dez. 2020

DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v3i0.1878>

Maitê Francine Bohn *maitebohn_nh@hotmail.com*

Licenciada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

Ernani Cesar de Freitas *ernanic@feevale.br*

Pós-Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (São Paulo/Brasil). Professor Titular de Ensino Superior e do Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

RESUMO

As transformações estruturais pelas quais a linguagem e a comunicação têm passado revelam o dinamismo e a plasticidade característicos de ambas. Ao mesmo tempo em que essas reestruturações são em parte decorrentes dos avanços tecnológicos, cada vez mais voláteis e promissores, elas os subsidiam, estabelecendo-se uma relação recíproca e produtora de novos gêneros discursivos. Estes, por sua vez, instauram circunstâncias enunciativas híbridas tanto em termos composicionais como semânticos, veiculando textos multimodais e reivindicando, em consequência, práticas multiletradas. Diante desse panorama, este estudo justifica sua importância pela atenção que dá às novas configurações de leitura que emergem em um contexto hipermediático crescente. A partir disso, propõe-se como objetivo refletir sobre práticas de leitura e compreensão de sentidos em textos de gêneros multimodais realizadas pelo sujeito-leitor que exigem, além do letramento, um olhar multiletrado para o objeto, para o mundo. Neste estudo, utilizam-se as contribuições de Bakhtin (2011), Dionisio (2011), Lemke (2010) e Rojo e Barbosa (2015). Por meio de pesquisa qualitativa e bibliográfica, é feita análise de *corpus* representado por um *trailer* de uma série de entretenimento, revelando a importância da reflexão acerca das multissemoses e da percepção, nessas, das hibridizações entre os diferentes gêneros discursivos que, dialogicamente, são responsáveis pela construção do sentido de um texto. Finalmente, espera-se, com este trabalho, contribuir com as questões que se voltem às metodologias de ensino empregadas especialmente na educação básica, em que o ensino-aprendizagem, para não se tornar arbitrário, precisa reconhecer que a formação discursiva do aluno, hoje, é pautada no prefixo *multi*: redes multimídia, textos multimodais, percepções multiculturais, olhares multifocais.

Palavras-chave: Ensino. Gêneros Discursivos. Gêneros Multimodais. Multiletramento.

ABSTRACT

The structural transformations through which language and communication have passed reveal the dynamism and plasticity characteristic of both. At the same time that these restructurings are partly due to technological advances, which are increasingly volatile and promising, they subsidize them by establishing a reciprocal relationship and producing new discursive genres. These, in turn, establish hybrid enunciative circumstances in both compositional and semantic terms, conveying multimodal texts and claiming, as a consequence, practices of multiliteracy. In face of that, this study justifies its importance by its focus on the new reading forms, which emerge in a growing hypermedia context. The objective of this study is to reflect on reading practices and comprehension of meanings in texts of multimodal genres, what requires from the reader, besides literacy, multiliteracy to read the world. This research is based on contributions of Bakhtin (2011), Dionisio (2011), Lemke (2010) and Rojo and Barbosa (2015). Through a qualitative and bibliographical research, an analysis of a TV series trailer shows the importance of the reflection about the multissemosis and the perception, in these, of hybridizations between different discursive genres that, dialogically, are responsible for construction of the meaning of a text. Finally, this research intends to contribute with the issues about teaching methodologies that are used especially in elementary and high school, in which the relation teaching-learning, in order not to become arbitrary, must recognize that the discursive formation of a student is based on the prefix *multi* nowadays: multimedia networks, multimodal texts, multicultural perceptions, multifocal perspectives.

Keywords: Teaching. Discursive Genres. Multimodal Genres. Multiliteracy.

1 INTRODUÇÃO

Um olhar experiente e atento a salas de aula, seja na educação básica ou em nível superior, é capaz de captar uma realidade muito diferente daquela encontrada há alguns (poucos, poderia se dizer) anos nas instituições de ensino. Trata-se, se comparado há 20 anos, por exemplo, de uma realidade muito mais interacional, comunicativa, expositiva e dinâmica. As conexões não se estabelecem mais apenas entre os participantes da classe, isto é, em frentes de comunicação professor-aluno e aluno-professor. A conexão é, também, com o mundo que está para além das paredes da sala de aula. O uso intenso e propagado de aparelhos eletrônicos permite a construção de ambientes comunicativos complexos; a disponibilidade de recursos tecnológicos (ainda que muito variável, dependendo do contexto social em questão) possibilita a exploração de novos modos de aprendizagem e, obviamente, a reformulação do espaço desencadeia a constituição de sujeitos cujas habilidades, características interpessoais e competências cognitivas também se diferenciam daquelas pertencentes aos aprendizes de vinte anos passados.

No contexto de mudanças socioculturais, se os sujeitos se modificam em virtude das variações sofridas pelos contextos sociais dos quais participam, altera-se, também, a forma como esses sujeitos se comunicam. Nessa linha, percebe-se que as transformações estruturais pelas quais a linguagem e a comunicação têm passado revelam o dinamismo e a plasticidade que lhes são característicos. Ao mesmo tempo em que essas reestruturações são em parte decorrentes dos avanços tecnológicos, cada vez mais voláteis e promissores, elas os subsidiam, estabelecendo-se uma relação recíproca e produtora de novos gêneros discursivos.

Dessa forma, cabe, em consequência, aos gêneros discursivos, a instauração de circunstâncias enunciativas híbridas, tanto em termos composicionais como semânticos, em que são explorados signos representativos diversos, os quais, em um diálogo polifônico, mas combinatório, compõem textos multimodais veiculados em espaços midiáticos ou não, que reivindicam dos interlocutores do discurso, em decorrência, práticas multiletradas.

No que diz respeito à relevância deste estudo, espera-se, com ele, contribuir com as questões que se voltem às metodologias de ensino empregadas especialmente na educação básica, em que o ensino-aprendizagem, para não se tornar arbitrário, precisa reconhecer que a formação discursiva do aluno, hoje, é pautada no prefixo *multi*: redes multimídia, textos multimodais, percepções multiculturais, olhares multifocais.

Diante desse panorama, o presente estudo justifica sua importância pela atenção que dá às novas configurações de leitura, que emergem em um contexto hipermidiático crescente. E, a partir disso, propõe-se como objetivo, neste estudo, refletir sobre práticas de leitura e compreensão de sentidos em

textos de gêneros multimodais realizadas pelo sujeito-leitor que exigem, além do letramento, um olhar multiletrado para o objeto, para o mundo.

Baseando-se especialmente nas contribuições de Bakhtin (2011), Dionisio (2011), Lemke (2010) e Rojo e Barbosa (2015), o presente trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, pela qual é feita uma análise de *corpus*, sendo este representado pelo *trailer* da terceira temporada da série de entretenimento *Black Mirror*, disponível na plataforma *streaming* Netflix.

O trabalho está dividido em seções, sendo estruturado da seguinte forma: estudos sobre gêneros discursivos; gêneros textuais e multimodalidade; hipermodernidade e multiletramentos; letramento metamidiático e, finalmente, a análise do *trailer*, propondo relações entre a teoria estudada e as percepções feitas no *corpus* de pesquisa.

2 GÊNEROS DO DISCURSO: UM PERCURSO DE HIBRIDIZAÇÕES

Embora dinâmica e passível de intensas e longas transformações, a linguagem e suas variações escrita e oral compreendem determinada característica que tende a ser, de certa forma, estática e universal: a de serem compostas por enunciados. Estes são responsáveis pela construção e produção de sentido nas mais diversas formas de comunicação.

Segundo Bakhtin (2011), os enunciados são compostos por três elementos: tema, construção composicional e estilo de linguagem, sendo todos determinados pelo campo da comunicação. O primeiro elemento refere-se ao conteúdo, ao assunto tratado em um texto (oral ou escrito), contemplando, em consequência, o sentido desse conteúdo. O segundo elemento refere-se ao modo de organização textual em virtude das peculiaridades que cada tipo de texto apresenta. A narrativa literária, por exemplo, permitirá o recurso à criação de palavras e poderá, inclusive, ocorrer em um passado remoto, enquanto que uma notícia se apoiará em fatos reais e mencionará data e horários do acontecimento com a maior precisão possível. O terceiro elemento é o estilo que, conforme Bakhtin (2011), é o responsável por conceder ao enunciado um de tom de individualidade. Ele seria, assim, composto pelas escolhas do enunciador no processo de enunciação. Entre essas escolhas estariam as do tipo fônico, morfológico, sintático, semântico, entre outros, sendo todas empregadas com o intuito de tornar o enunciado preñado de sentido diante de seu destinatário. A constituição do estilo seria, portanto, concomitante ao desenvolvimento da enunciação, já que os interlocutores lançam mão de suas escolhas estilísticas enquanto enunciam.

Percebe-se que estes elementos constituintes do enunciado revelam sua essência particular, individual. Apesar disso, Bakhtin (2011) afirma que os campos da comunicação elaboram tipos

relativamente estáveis de enunciado, os quais chama de gêneros do discurso. Estes, por sua vez, seriam extremamente heterogêneos, justamente em função da qualidade particular que caracteriza o enunciado, sendo, por isso, difícil defini-los quanto à sua natureza.

Bakhtin (2011) explica, ainda, que o enunciado é um núcleo de importância, devido ao fato de, por meio dele, viabilizar-se a elaboração e a apreensão de sentido. Desse modo, a percepção do enunciado e do gênero do discurso no qual aquele possivelmente habita é essencial neste processo de construção e produção de sentido. Uma determinada função (científica, técnica, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva geram determinados gêneros (gêneros com enunciados relativamente estáveis), com os quais, aos poucos, os sujeitos se familiarizam, reconhecem em um processo inconsciente de relações, percepções e experimento, conforme descreve Bakhtin (2011, p. 268): “Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos”.

Apesar dessa estabilidade que envolve os gêneros do discurso, Bakhtin (2011) já previa que um processo de adaptação dos gêneros ocorre gradualmente em conformidade com as transformações sociais e mudanças históricas, acarretando a modificação dos estilos de linguagem e, conseqüentemente, dos próprios gêneros do discurso. E tal modificação parece, especialmente neste século, estar materializando-se em múltiplos modos, constituindo formas comunicativas híbridas, que mesclam imagens e escrita a recursos sonoros diversos. Neste ponto, precisamente, abre-se espaço para a discussão do conceito de multimodalidade sobre o qual se discutirá na próxima seção.

3 ENTRELAÇADOS PELO MULTÍ: MULTIMODALIDADE E AS MÚLTIPLAS FACES DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Em conformidade com o que Bakhtin (2011) afirma a respeito da modificação dos gêneros discursivos decorrente das transformações sócio-históricas, Dionisio (2011, p. 137) explica que “se as formas de interação entre os homens mudam de acordo com as necessidades de cada sociedade, e se as formas de interação entre as pessoas são influenciadas pelo desenvolvimento tecnológico [...]”, determinado conceito teórico necessita ser revisto: o conceito de letramento. Nesse sentido, entende-se que o letramento com o qual se está habituado no meio acadêmico e pedagógico (ou com o qual, pelo menos, já se deveria estar), voltado essencialmente às habilidades de leitura e escrita, demonstra-se, em realidade, ultrapassado. “Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais

integrada. Com o advento das novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência". (DIONISIO, 2011, p. 138).

Constata-se, em virtude disso, que o ato de ler passa a englobar não somente textos exclusivamente escritos, mas também organizações textuais que acomodam, em uma única construção, texto, imagem, infográficos, mapas, fotos ou mesmo animações e recursos sonoros, quando veiculados em formatos digitais. Ora, se o ato de ler passa a compreender, em virtude da materialidade textual que a ele se apresenta, um novo olhar frente a tal materialidade, um novo perfil de leitor, necessariamente, deve se apresentar: um leitor multiletrado. Assim, nas palavras de Dionisio (2011, p. 139), "[...] à prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada a prática de letramento da imagem, do signo visual. Necessitamos, então, falar em letramentos [...], pois a multimodalidade é um traço constitutivo do discurso oral e escrito".

Dionisio (2011) explica ainda que os sujeitos se comunicam por meio de ações sociais e individuais, apelando a recursos diversos, como palavras, gestos, entonações, sorrisos, entre outros. Essas ações, viabilizadas pelo uso da linguagem, são manifestações socioculturais materializadas em gêneros textuais. Mas em que momento os gêneros textuais vinculam-se à multimodalidade? Dionisio (2011) afirma que ao atribuir o aspecto multimodal ao gênero textual não se refere, no caso dos componentes visuais, apenas a desenhos, fotos ou ilustrações, por exemplo, mas à própria disposição gráfica do texto, seja no livro ou na tela de um computador. Entretanto, o que irá variar de uma composição textual para outra será o nível de multimodalidade empregado.

É nesse momento, então, que o contexto de comunicação entrará em ação, delimitando, em função dos interlocutores participantes do discurso, o espaço em que se encontram e a posição que nele ocupam, bem como o tema sobre o que tratam e os seus respectivos objetivos com o laço comunicativo a que visam estabelecer, que gênero textual melhor caberá à circunstância enunciativa presente, definindo, inclusive, a que recursos linguísticos se sugerem aderir e que grau de manifestação multimodal é recomendável. Para exemplificar, considere-se uma reunião setorial em determinada empresa. O líder pretende apresentar aos demais colaboradores o novo plano de carreiras. À situação enunciativa, em que o líder ocupa o lugar do "eu" no espaço discursivo e a equipe ocupa o lugar do "tu", não caberá, por exemplo, a utilização de uma apresentação de slides repleta de fotos dos colaboradores em confraternizações passadas ou o uso de uma música pop ao fundo. A apresentação poderá recorrer a símbolos ou imagens, desde que esses sejam consoantes à proposta da reunião, como gráficos demonstrando o crescimento salarial em determinado período de tempo ou tabelas elencando cargos e suas respectivas funções e remunerações.

Assim, a multimodalidade estaria presente sob diversas formas e em diferentes níveis de intervenção, colecionando, de um modo geral, mais de um modo de representação da mesma ideia ou construção semântica. E reconhecê-la como fio condutor para a compreensão enunciativa que abrange (especialmente na sociedade contemporânea, que vem vivenciando uma revolução tecnológica crescente) a imersão letrada não apenas no mundo real, mas também no universo digital, é tarefa essencial. E é justamente sobre a manifestação de comportamentos letrados no meio midiático que se discutirá na próxima seção.

4 LETRAMENTO METAMIDIÁTICO: PARA NOVAS FORMAS DE LER O MUNDO, UM NOVO OLHAR

Aparentemente, tanto no meio acadêmico como no pedagógico em nosso país, o conceito de letramento ainda não assumiu, de fato, o protagonismo nos diálogos entre educadores ou entre professores e alunos nas salas de aula. Percebe-se, em realidade, que sua contribuição, na prática, ainda é muito tímida, embora os estudos que o tomam como mote componham um compilado literário de considerável qualidade.

Além dessa timidez que assola a circulação do conceito de letramento entre profissionais da área da educação, parece que quando se recorre a ele o sentido lhe atribuído restringe-se à ideia de uma ferramenta que o aprendiz domina quando é capaz de compreender aquilo que lê e de produzir uma escrita coerente. Ocorre, contudo, que o conceito de letramento abrange uma escala muito maior e muito mais complexa que essa. Lemke (2010) utiliza, como outros estudiosos da área, o termo *letramentos* (no plural) e o conceitua como espécies de tecnologia, capazes de estabelecer laços entre o indivíduo e a sociedade. Esse teórico explica ainda que tais tecnologias do letramento já não são tão simples, como a utilização de caneta, tinta e papel. Assim sendo, os avanços tecnológicos vêm permitindo o emprego de novas formas de comunicação, muito mais rápidas e versáteis funcionalmente, todavia, muito mais complexas também.

Ora, se certa complexidade permeia a constituição desses novos aportes tecnológicos disponíveis aos sujeitos no âmbito comunicativo, para desvendá-los, captando o sentido que suas produções propõem, faz-se necessário um olhar também complexo em suas apreensões e análises, que seja capaz de capturar, em sua completude, o significado das produções híbridas viabilizadas por estes aparatos tecnológicos, de modo integrado e dialógico.

A leitura online de uma crítica fílmica em determinado blog, por exemplo, poderá ser submetida à análise de um texto opinativo, atrelado a imagens de longa-metragem que conversem com as argumentações do autor e, ainda, ao próprio *trailer*, que proporcione movimento e som a esta composição textual. Entende-se, assim, que o leitor desse texto não poderá apreender sentido de cada um desses recursos separadamente. Ao contrário, deverá desvendar os laços semânticos que os interligam e por que determinadas imagens foram escolhidas, por exemplo, ou o que elas sugerem diferentemente do texto ou, ainda, o que a ele agregam, e assim por diante. Embora ainda se depare com um texto composto por períodos, orações e parágrafos, na interface digital, o leitor percorrerá um processo de compreensão distinto daquele cursado para a leitura de um texto impresso. “Aquilo que parece ser o mesmo texto ou gênero multimidiático não é funcionalmente o mesmo quando no papel ou na tela, segue diferentes convenções de significado e requer diferentes habilidades para que seu uso seja bem sucedido [...]”. (LEMKE, 2010, p. 457).

Mas a que habilidades Lemke (2010) estaria se referindo? Habilidades de autoria multimidiáticas e análise crítica multimidiática, ambas semelhantes às habilidades tradicionais de produção e leitura textuais; estratégias de exploração do ciberespaço e habilidades de navegação nesse ciberespaço. Entretanto, precisamente no que se refere ao desenvolvimento dessas habilidades, Lemke (2010, p. 461) expõe o quadro desafiador e falho que permeia, sobretudo, o âmbito educacional: “Nós não ensinamos os alunos a integrar nem mesmo desenhos e diagramas à sua escrita, quanto menos imagens fotográficas de arquivos, vídeos, efeitos sonoros, voz em áudio, música, animação, ou representações mais especializadas [...]” e, mais adiante (LEMKE, 2010, p. 462), acrescenta: “o que realmente precisamos ensinar [...] é como vários letramentos e tradições culturais combinam estas modalidades semióticas diferentes para construir significados que são mais do que a soma do que cada parte poderia significar separadamente”. É esse processo de construção de sentido combinatório, em que as diferentes mídias de uma mesma produção dialogam entre si, que Lemke (2010) denomina “significado multiplicador”.

Na próxima seção, relacionando-se ao contexto metamidiático explanado por Lemke (2010), discorrer-se-á sobre a era da hipermodernidade e os multiletramentos que ela exige.

5 HIPERMODERNIDADE: UMA ERA DE MULTILETRAMENTOS

As transformações sociais e comunicacionais já mencionadas até aqui, entre outros aspectos, corroboram a constituição e manutenção de uma nova era: a da hipermodernidade. Segundo explicam Rojo e Barbosa (2015), a partir do estudo de outros teóricos que tratam sobre este assunto, a modernidade

esteve e estaria passando por um processo de radicalização, não de rompimento. Assim, certos traços marcantes, característicos da era moderna, sejam eles positivos ou não, como desenvolvimento tecnológico-científico e extensão da lógica individualista, intensificam-se, desencadeando a chamada radicalização da modernidade (ROJO; BARBOSA, 2015) ou, mais sucintamente, a hipermodernidade.

No contexto da hipermodernidade, modificações estruturais são responsáveis, inclusive, por reelaborarem novas formas de percepção e caracterização da realidade. Entre as mudanças, está o enfraquecimento de grandes grupos e projetos sociais, como os sindicatos; a atenuação da capacidade de manipulação de grandes ideologias; a intensa onda de manifestações e expressão de opiniões particulares veiculadas publicamente, entre outras. Assim, “no contexto da hipermodernidade, o prefixo se desloca, se recoloca ou se instala em outros contextos: hipercomplexidade, hiperconsumismo e hiperindividualismo (além do hipertexto e hiperímia, dentre outros)” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 118). Nesse sentido, então, ao deslocar-se socialmente pela realidade que o circunda, o sujeito passa a integrar cenas enunciativas nas quais o prefixo *hiper* desencadeia um papel semanticamente preponderante, exigindo, desse sujeito, posicionamentos condizentes à estrutura social que o circunda. E se tal estrutura é pautada no prefixo *hiper*, as ações do sujeito também o serão, porém, o prefixo, agora, será outro: exigir-se-á, então, o *multi*.

Nesse aspecto, o exercício do multiletramento, mais uma vez, adquire relevância e assume um espaço que não poderia ser de outro tipo de manifestação social, senão dele. Os sujeitos multiletrados têm um novo escopo comunicativo, em virtude do qual não mais apenas leem para obter informações ou adquirir algum conhecimento, em uma relação de mão única, mas também produzem conteúdo informativo e cognitivo. Nas redes sociais, viabilizadas no contexto da segunda geração da Internet Web (a 2.0), os integrantes publicam suas opiniões sobre os mais diversos assuntos; compartilham notícias diversas e informações sobre o tempo; veiculam reflexões a respeito de acontecimentos locais ou ocorridos a quilômetros de distância; postam fotos cujas legendas mesclam ora textos autorais ora citações de artistas, pensadores, músicos, etc., entre outras formas de expressão que culminam com o aparecimento do termo *lautor* (ROJO, 2013 apud ROJO; BARBOSA, 2015). Esse seria, assim, a junção de leitor com autor, que parece ser característica central do sujeito multiletrado e contextualizado na era do hipermodernismo.

Mas essa produção feita pelo sujeito *lautor* não será apenas escrita (ou melhor, digitada). “Nos tempos hiper, não basta viver, é preciso contar o que se vive (reordenamento das fronteiras entre o público e o privado) ou, mais do que isso, é preciso mostrá-lo (em *selfies*, em fotos, em vídeos)” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 121). Assim, percebe-se que a leitura a ser realizada pelo leitor crítico (e não pelo mero usuário ou internauta, que discorre sobre as breves apreensões que tem, carente de reflexões e

bases que consolidem suas percepções) perpassará não apenas composições textuais, mas também imagéticas, sonoras (no caso de vídeos, por exemplo), animadas (a exemplo dos *gifs*, que cada vez mais comunicam, criticam, escandalizam, satirizam, entre outras ações), etc. Embora Rojo e Barbosa (2015) expressem certa preocupação quanto à falta de postura crítica que assume este rol de manifestações midiáticas exercidas pelos usuários nas mais diversas plataformas comunicativas, é fato que essas novas formas de participação no mundo multiletrado assumem, e cada vez mais, espaços consideráveis no complexo campo da comunicação. Curtir, comentar, compartilhar com ou sem comentário embasado, entre outros modos de expressão, configuram *lautores* cujas habilidades são, diariamente, testadas e reivindicadas, tanto na habilidade para produção de conteúdo quanto para a compreensão dele. Nesse sentido, Rojo e Barbosa (2015, p. 123) ainda acrescentam: “essas publicações/respostas também podem ser multimodais: podem misturar diferentes linguagens [...]”, demonstrando que a multimodalidade tem intrínseca relação com a hipermodernidade e com o multiletramento.

A partir dos referenciais teóricos apresentados até aqui, a seção seguinte tratará a respeito da metodologia empregada no presente estudo, bem como discorrerá sobre a análise qualitativa realizada com base na materialidade do *corpus* de pesquisa selecionado.

6 METODOLOGIA E ANÁLISE: ENLACES SEMÂNTICOS NO TEXTO MULTIMODAL

Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se por analisar um *corpus* de pesquisa que atendesse às características pontuais de um texto considerado multimodal, de modo que tal análise, dessa forma, viesse ao encontro do embasamento teórico que sustenta este trabalho. Além disso, para a escolha do *corpus*, levou-se em conta a sua abrangência em termos de veiculação, ou seja, se ele seria conhecido entre o público, especialmente o jovem, atualmente. Em consideração a esses apontamentos, definiu-se como *corpus* de pesquisa, neste estudo, o *trailer*¹ da terceira temporada da série de entretenimento *Black Mirror*, disponível na plataforma *streaming* Netflix².

¹ Em virtude da natureza deste trabalho, não será possível representar, de forma efetiva, o *corpus* escolhido para análise.

² A plataforma Netflix é um serviço de transmissão online que permite aos clientes, por meio de uma assinatura mensal, assistir a uma ampla variedade de séries, filmes e documentários, em diferentes aparelhos eletrônicos. Seu acervo abriga produções nacionais e estrangeiras, sendo dividido em categorias que auxiliam o usuário na escolha a que assistir. A empresa, que possui milhões de assinantes, foi fundada em 1997, nos Estados Unidos, tendo iniciado como um serviço de entrega de DVD pelo correio.

Este trabalho desenvolveu-se mediante a utilização de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. A análise do *trailer* levou em consideração os apontamentos explanados na base teórica deste estudo, elencando, assim, relações entre a caracterização do *corpus* e os estudos sobre a composição dos gêneros do discurso, explanados por Bakhtin (2011); a plasticidade dos gêneros textuais e a multimodalidade que neles se intensifica, discutidas por Dionisio (2011); o surgimento do letramento metamidiático e a complexidade composicional e comunicacional que o caracteriza e que também se exige para manifestá-lo, evidenciados por Lemke (2010), além do contexto da hipermodernidade que radicaliza certos comportamentos sociais da era moderna, culminando com a construção de novos espaços e modos de comunicação (ROJO; BARBOSA, 2015).

Durante a análise, foram selecionados tópicos semantizadores (FREITAS; OLDONI, 2017)³ que pudessem representar os pontos centrais percebidos na composição imagética analisada. “Elementos indispensáveis à leitura da materialidade discursiva e à construção real de sentidos dos mais variados gêneros, os tópicos semantizadores funcionam como roteirizadores da semantização [...]”, (FREITAS; OLDONI, 2017, p. 23). Esses tópicos semantizadores, os quais serão identificados por meio da inserção deles entre sinais de barra (/ /), foram escolhidos a partir de três critérios metodológicos: 1) esfera de comunicação e circulação social; 2) conteúdo temático, forma composicional e estilo; e 3) multiplicidade semiótica e cultural. As relações evidenciadas entre esses tópicos semantizadores e o referencial teórico estudado são explicadas a seguir, nesta seção.

A escolha do *trailer* da terceira temporada de *Black Mirror* foi motivada, além das razões já explanadas anteriormente, pela capacidade de reunir em apenas dois minutos de duração, aproximadamente, imagens que retratam cenas dos seis episódios que compõem a temporada em questão, de forma muito intensa e coesa. As cenas apresentadas conversam entre si, compondo uma produção semanticamente rica, que convida o público a assisti-la. Além disso, a temática abordada na /série dramática/⁴ *Black Mirror* gira em torno dos /avanços tecnológicos/ e suas contribuições para o /futuro/, contemplando, em consequência, diversas formas de /comunicação/, o que vai ao encontro do ponto de discussão central do presente estudo: a produção e compreensão de gêneros multimodais.

O *trailer* inicia com a /imagem/ de uma mulher, vista de costas, correndo, exercitando-se. Ao fundo, ouve-se o /barulho/ de seus passos e de sua respiração ofegante, ambos em um /ritmo/ constante.

³ A noção de “tópico semantizador” foi utilizada por Freitas e Oldoni (2017) no trabalho “Da multiplicidade, do multiletramento à construção do sentido: gêneros multimodais e práticas discursivas”, e acredita-se que a aplicação do termo nesta produção contribui satisfatoriamente com a análise proposta.

⁴ Primeiro tópico semantizador identificado pelo sinal de barras.

Então, uma /narração/, cuja voz se deduz ser dessa mulher, diz: *In this world, we're all so caught up in our own heads (Neste mundo, estamos todos tão presos às nossas próprias vidas)*⁵. Então, a imagem volta-se de frente para a mulher e percebe-se que, enquanto corre, ela mexe em seu /celular/. A percepção desta atitude (praticar exercícios sem desvincular-se das /mídias digitais/), muito frequente atualmente, revela-se, possivelmente, como uma manifestação comportamental característica da era da hipermodernidade (ROJO; BARRBOSA, 2015), que será pontual para a apreensão da fala que vem em seguida, quando a mesma voz completa: *It's easy to lose sight of what's real (É fácil perder de vista aquilo que, de fato, é real)*, enquanto nova imagem a mostra fitando a /projeção/ de si mesma, em uma cozinha, acompanhada de um homem. A seguir, a Figura 1 representa essa imagem:

Figura 1 – Frame que trata sobre /realidade virtual/ e /realidade conceitual/



Fonte: Netflix Brasil (2019)

Como se pode observar, na Figura 1, a imagem projeta uma espécie de /holograma/ de um casal que, aparentemente, é feliz e convivem juntos. Enquanto ela parece cozinhar, ele a acaricia, demonstrando certa intimidade entre ambos. Entretanto, é preciso lembrar que embora o espaço (a cozinha) seja concreto, tangível, o casal não o é. Trata-se apenas de uma /projeção/, viabilizada por /recursos tecnológicos/. Em perfeita consonância à imagem, tem-se a narração que a acompanha, afirmando ter se tornado fácil perder de vista aquilo que, de fato, é /real/. Assim, observando esta composição, percebe-se o entrelaçamento de diferentes frentes de comunicação que, reunidas, constroem uma cena preñe de sentido. E a compreensão dessa cena por parte do interlocutor demandará um olhar

⁵ A tradução do inglês para o português, neste trabalho, foi realizada livremente pelos autores.

capaz de perceber tal entrelaçamento (composto pela narração, pelo holograma e pelo contexto fictício elaborado por ferramentas tecnológicas). Por isso, o leitor habituado apenas a práticas de leitura e escrita simples, sem acesso a textos multimodais, encontrará dificuldades para apreender uma produção como a representada no *frame* acima em sua integridade semântica. Como afirmam Rojo e Barbosa (2015, p. 116), “surtem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens” e a captação dos textos multimodais perpassa essas novidades.

Em sequência à cena do *trailer* acima apresentada, uma /melodia/, ao fundo, inicia, contendo notas bastante agudas, que contribuem para a construção de um /suspense/ /grave/ e /tenso/. Tal como se espera de um *trailer*, outras cenas surgem acompanhadas por trechos dos diálogos que os personagens mantêm nos episódios. É então que outro recorte merece destaque: o do rosto de uma /belíssima mulher/, loira, com olhos azuis e um sorriso imenso, vestindo um /véu branco/, ornado por flores rosas. A narração que acompanha esta imagem, ao som de uma /voz masculina/, afirma: *No one is this happy (Ninguém é tão feliz assim)*. Esta composição multimodal é representada a seguir, por meio da Figura 2.

Figura 2 - Frame que trata sobre /Felicidade/, /Casamento/ e /Realização feminina/



Fonte: Netflix Brasil (2019)

Observando a Figura 2, percebe-se o contraponto que a composição “imagem mais narração” estabelece. Enquanto que a mulher da imagem sorri, provavelmente muito feliz pelo seu casamento, a voz ao fundo revela uma ideia oposta: ninguém é tão feliz assim. Essa afirmação, somada à imagem que a acompanha, capta o interlocutor pela ironia, pela contradição, pela surpresa causada entre o choque de ideias. E tal captura só se realiza com /intensidade/ porque se dá, sem dúvidas, pela justaposição

de representações semióticas distintas, porém, muito bem dialogadas. Todavia, um leitor desatento não é capaz de capturar a proposta semântica que está por detrás dessa composição. Ela é complexa e compreendê-la apresenta-se um processo, também, complexo.

Dionisio (2011) comenta sobre essa complexidade, ao explicar o percurso que o aluno, em sala, deve cumprir para captar uma aula na qual o professor use *slides* ou vídeo, por exemplo, “[...] pois, além de coordenar diversas práticas de letramentos, de copiar gêneros específicos processados por modos de representação diferentes (visão e audição, por exemplo), o aluno está diante de um complexo sistema de atividades no qual deverá se integrar [...]” (DIONISIO, 2011, p. 149). Essa estudiosa explica, ainda, que o aluno terá de mobilizar-se para compreender o texto verbal oral, ou seja, a fala do professor (que no caso do *frame* acima seria a narração); o texto visual, que na sala de aula pode ser representado por gráficos, esquemas ou fórmulas matemáticas, por exemplo (sendo que no *trailer* é composto pelas cenas filmadas) e o próprio texto, isto é, pelas anotações (verbais e visuais) que o aluno faz durante a aula e que, considerando o *corpus* desta análise, estaria representado pelas possíveis manifestações do público-alvo ao assistir ao *trailer*, tais como: expectativa, angústia, curiosidade. Essas manifestações poderiam, ainda, levar o interlocutor a emitir comentários, como recomendações, críticas ou elogios referentes à produção, e tais apontamentos poderiam ser tanto orais quanto escritos, culminando, assim, com o processo de produção textual própria (seja ela verbal ou visual).

Além disso, a utilização do termo *this*, que em português poderia ser traduzido para *assim*, revela um locutor contextualizado em um espaço enunciativo em que a utilização desse vocábulo faz sentido, pois faz referência a um terceiro elemento, seja objeto, sujeito ou situação. Pelo que se pode perceber no *frame* acima reproduzido, o *trailer* compõe a cena perfeitamente, de modo que o termo *this* faça referência direta à noiva feliz. A escolha lexical e a construção sintática empregadas pelo enunciador fazem parte do seu estilo de enunciar. E é precisamente o estilo que, conforme Bakhtin (2011), concede ao enunciado um de tom de individualidade, sendo composto pelas escolhas do enunciador no processo de enunciação.

Dando sequência ao *trailer*, tem-se a composição de uma outra cena (Figura 3), na qual, diferente da anterior, as ideias expressas pela narração e pela imagem concordam entre si, porém, não tornam a composição “imagem mais narração” redundante. E isso se dá pela propriedade multiplicativa que os textos multimodais têm, conforme visto em Lemke (2010), quando ele trata sobre o “significado multiplicador”.

Figura 3 – Frame que trata sobre /interação/ e /exposição/



Fonte: Netflix Brasil (2019)

No *frame* representado pela Figura 3, alguém chamado Hector pergunta a outro personagem se ele fora filmado. O sujeito confirma, respondendo como isso teria acontecido: pela /câmera/ de seu próprio /computador/. Uma leitura atenta desse *frame* não revela apenas o óbvio (que determinado sujeito teria sido filmado pela tela de seu computador), mas permite ao interlocutor refletir sobre os /limites/ (ou o enfraquecimento deles) existentes entre os pilares /público e privado/; sobre a /exposição/ à qual os sujeitos têm se submetido e sobre a intensa, mas ao mesmo tempo fria, /interação midiática/ oferecida pelos /aparelhos eletrônicos/. O *frame* acima não teria o mesmo impacto, tampouco possibilitaria as mesmas reflexões se, por exemplo, ao invés da imagem da câmera do notebook, tivéssemos a apresentação dos dois sujeitos (homens, ao julgar pelas vozes) dialogando. Mas é justamente a composição (outra vez) “imagem e narração” que resulta em uma conciliação semântica realmente expressiva e intensa. Aliás, o /zoom/ dado à câmera do notebook corrobora ainda mais para a produção de sentido elaborada nesta fração do *trailer*: a de /captura/, /investigação/, /perseguição/.

Tendo sido elencados os principais tópicos semantizadores da análise de *corpus* deste trabalho, a seguir é apresentado um quadro por meio do qual se pode visualizá-los de modo mais abrangente, com a finalidade de facilitar a apreensão das observações feitas.

6.1 SOB LENTES MULTILETRADAS: SIGNIFICADOS QUE SE REVELAM

Considerando o que foi exposto até aqui a respeito da análise do *corpus* em questão, constata-se que a produção de textos de gêneros multimodais recorre a diferentes recursos para a construção de

sentido a que se propõe elaborar e, em decorrência disso, a leitura dessas produções também deverá ser pautada no prefixo *multi*. A leitura e a interpretação de textos de gêneros multimodais, como é o caso do *trailer*, implicará, assim, a mobilização de recursos mais complexos que a mera (e defasada) decodificação textual ou, um pouco mais além, mas ainda insuficiente, interpretação (quase sempre superficial) de ideias ocultas em produções textuais diversas. A compreensão perpassará, em realidade, por um processo de análise, por meio do qual o interlocutor deverá ser capaz de estabelecer relações entre o que vê (seja por meio de signos gráficos, números, imagens estáticas ou em movimento); que ouve (músicas, falas, sons diversos) e que o cerca, ou seja, que laços a produção textual em análise mantém com a realidade e com o contexto que circunda o sujeito leitor multiletrado no ato enunciativo.

Esse tipo de leitura e esse perfil voltado para o multiletramento é, de fato, o que se objetivou mostrar com a análise de *corpus* proposta neste estudo. A análise aqui apresentada procurou expor o quão emaranhado pode estar uma composição textual aparentemente simples e tão presente no cotidiano. Ressalta-se, porém, que as proposições levantadas nesta análise revelam apenas uma possibilidade de semantização do gênero em questão. “Cada leitor, a partir de seu encontro com a leitura, reconstrói, a seu modo e de acordo com seus valores, os possíveis sentidos da materialidade do gênero” (FREITAS; OLDONI, 2017, p. 25). Considerando isso, é apresentado a seguir o Quadro 1, no qual estão compilados os tópicos semantizadores elencados durante a análise do *corpus*, possibilitando, assim, uma visão mais geral desse desenvolvimento teórico-metodológico.

Quadro 1 – Tópicos semantizadores do trailer da 3ª temporada de *Black Mirror*⁶

| Critérios metodológicos | Tópicos Semantizadores | | |
|--|---|--|--|
| Esfera de comunicação e circulação social; | /série dramática/ /avanços tecnológicos/ /futuro/ /comunicação/ /imagem/ /barulho/ | /holograma/ /recursos tecnológicos/ /real/ /melodia/ /suspense/ /grave/ | /intensidade/ /interação/ /exposição/ /câmera/ /computador/ /limites/ |
| Conteúdo temático, forma composicional e estilo; | /ritmo/ /narração/ /celular/ /mídias digitais/ | /tenso/ /belíssima mulher/ /véu branco/ /voz masculina/ | /público e privado/ /interação midiática/ /aparelhos eletrônicos/ /zoom/ |
| Multiplicidade semiótica e cultural. | /projeção/ /realidade virtual/ /realidade conceitual/ | /felicidade/ /casamento/ /realização feminina/ | /captura/ /investigação/ /perseguição/ |

Fonte: Elaborado pelos autores

⁶ Quadro elaborado com base no trabalho “Da multiplicidade, do multiletramento à construção do sentido: gêneros multimodais e práticas discursivas” (FREITAS; OLDONI, 2017), no qual um quadro semelhante foi organizado.

A partir do panorama exposto no Quadro 1 e os apontamentos realizados durante a análise, percebe-se como um texto multimodal, representado, neste estudo, por um *trailer*, pode ser tão dialógico internamente. Suas partes estabelecem vínculos comunicativos entre si, engendrando um efeito de sentido que não poderia ser o mesmo se tais partes fossem apreendidas individualmente.

Desse modo, nos *frames* usados para elucidação, procurou-se mostrar como a narração, a sonoplastia e a imagem estariam interligadas, fosse para incitar, no interlocutor, a reflexão sobre um comportamento desordenado (o de praticar exercícios físicos e mexer no telefone ao mesmo tempo), desconectando o sujeito do mundo que, de fato, o cerca, em prol da conexão ininterrupta com o mundo virtual, no caso do primeiro *frame*; para suscitar no interlocutor, por meio do entrechoque semântico entre imagem e narração, no caso do segundo *frame*, um questionamento sobre a vulnerabilidade da felicidade, ou, ainda, resgatar a ideia de que parecer feliz não significa ser, de fato, feliz, mesmo que se trate da realização de um sonho (como casar-se); ou, no caso do terceiro *frame*, considerando o diálogo narrado somado à imagem, em zoom, da câmera do notebook, que assume, em uma tela, seja de uma televisão ou computador, uma proporção muito mais real e, portanto, mais próxima do interlocutor, chamando a atenção dele para a exposição a que se submete nas redes sociais das quais participa.

Todas essas possibilidades de interpretação do texto multimodal analisado só são possíveis porque a sua leitura e interpretação recorreram aos laços que conectam as diferentes semioses presentes na composição. "Aspectos verbais e pictoriais se complementam de tal forma que a ausência de um deles, mesmo sendo o de menor incidência, afeta a unidade global do texto". (DIONISIO, 2011, p. 140-141). E é exatamente sobre este tipo de leitura, sob óticas multiletradas e multimodais, que, neste trabalho, buscou-se debruçar, na tentativa de demonstrar sua relevância para interpretar não apenas o *trailer* da 3ª temporada de *Black Mirror*, mas também o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto neste trabalho, algumas considerações parecem fazer sentido e merecem, portanto, serem materializadas nesta seção. A primeira delas refere-se à confirmação da relevância que se desloca sobre a reflexão acerca das multissemoses. É preciso discutir, nas salas de aula da educação básica, e por que não do ensino superior (espaço de formação docente), a respeito das combinações e hibridizações sobre as quais se procurou explicar no presente estudo, entre diferentes textos e gêneros discursivos que, em uma perspectiva dialógica, constroem o sentido de um texto.

Diante disso, uma segunda consideração se faz necessária: a de renovar metodologias de ensino empregadas na sala de aula. Ora, se a formação discursiva do aluno perpassa construções semânticas pautadas no prefixo *multi* (multimidiáticas, multiculturais, multimodais), não se estaria, com aulas nas quais o professor recorre apenas à tríplice *explicação oral, escrita no quadro e livro didático*, subestimando a capacidade do aprendiz para o multiletramento? Por que não recorrer a análises interpretativas de filmes, séries, vídeos, fotos, notícias, propagandas e anúncios, quadros e tabelas estatísticos? Por que não reunir dois ou mais desses recursos, reivindicando ao aluno um olhar múltiplo, que visualize, como se procurou realizar nesta análise de *corpus*, as costuras existentes entre as diferentes semioses?

Observando o mundo, dentro do qual outros tantos pequenos mundos atualmente se constroem, interligados pelos mais diversos aparatos tecnológicos existentes; cercados pelos mais impressionantes modos de interação; sujeitos a tantas transformações comportamentais e estruturais, percebe-se que, para desvendá-lo, é preciso estar sob lentes do multiletramento. Diante de tantas composições multimodais (redes sociais, aplicativos para smartphones, hipertextos, videogames, aulas interativas), torna-se contraditório permanecer alheio à presença de elementos semióticos distintos em uma mesma construção enunciativa. Mais do que isso: é alienador. É preciso contemplar os textos multimodais não sob a ótica da *apreensão passiva*, mas da *reflexão ativa*.

Em virtude disso, considera-se que o entretenimento (como uma série de TV) associado a práticas de aquisição do conhecimento e desenvolvimento das habilidades multiletradas e hipermidiáticas, pode contribuir (e muito) com aulas ricas e construtivas. A série *Black Mirror*, por exemplo, vem fazendo imenso sucesso e, entre os jovens, gera repercussão por tratar de questões relacionadas à tecnologia – tema que os agrada. Então, por que não utilizar um episódio em sala de aula? Por que não promover leituras plurissignificativas com recursos multimodais, como a análise deste trabalho revelou o *trailer* da série ser?

Estudos, como a Teoria Cognitiva da Aprendizagem Multimodal (MAYER, 2001 apud DIONISIO, 2011), revelam que os alunos aprendem melhor com a junção palavras mais imagens, sendo este o princípio da multimídia. E isso se dá pelo contexto da hipermodernidade, que favorece o desenvolvimento de novas formas de aprender. Ou, nas palavras de Lemke (2010, p. 461): “[...] novas tecnologias da informação, novas práticas de comunicação e novas redes sociais possibilitam novos paradigmas para a educação e a aprendizagem, e colocam em debate os pressupostos sobre os quais os paradigmas mais antigos se apoiam”.

Finalmente, faz-se necessário considerar que, durante a realização deste trabalho, percebeu-se como as inter-relações dos textos multimodais revelam-se, muitas vezes, intertextuais. São compilações semânticas que remetem umas às outras, recorrendo tanto a elementos semióticos da própria

composição como a de outras. Observou-se, ainda, que a intertextualidade se mostra presente, também, nas ações dos sujeitos na contemporaneidade. Nas redes sociais, por exemplo, os usuários, quando publicam fotos ou textos, citam trechos marcantes de diálogos tidos em filmes; transcrevem frações de letras de músicas; recorrem a citações de pensadores famosos; compartilham fragmentos de livros, entre outros. Ou seja, recorrem à intertextualidade e plurissignificam suas produções, ainda que, muitas vezes, façam-no de forma superficial. O fato é que o *lautor* (ROJO, 2013 apud ROJO; BARBOSA, 2015), um novo perfil de leitor, instala-se em um contexto hipermediático crescente, no qual se exigem práticas de multiletramentos que sejam capazes de conduzi-lo em meio aos gêneros do discurso coerentemente, para produzir e compreender gêneros textuais pautados na multimodalidade. E esse fato não pode ser, de modo algum, ignorado na sala de aula.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BLACK MIRROR – *Trailer* da 3ª temporada. Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

DIONISIO, Â. P. Gêneros Textuais e Multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2011. p. 137-152.

FREITAS, E. C. de; OLDONI, C. Da multiplicidade, do multiletramento à construção do sentido: gêneros multimodais e práticas discursivas. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, a. 14, v. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/viewFile/1251/1885>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LEMKE, J. L. Letramento Metamediático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, vol. 49, n. 2, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/09.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2019.